

Eleição apaga astros da Constituinte

A. C. SCARTEZINI

A sucessão presidencial herdou uma maldição da Constituinte: as estrelas que brilharam na construção da nova Constituição estão apagadas na disputa pela Presidência, na qual reluzem mais os astros que não estiveram entre os constituintes. "É evidente que há um descompasso no processo de transição, que tem na sucessão o desdobramento natural da Constituinte", confere o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), que brilhou como relator da nova Constituição e depois entrou em eclipse.

"Mais do que um descompasso, é uma maldição mesmo", corrige o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), enquanto examina a sua posição no tabuleiro sucessório ao lado de outras estrelas da Constituinte como o deputado Ulysses Guimarães e o senador Mário Covas, candidatos do PMDB e do PSB sem brilho nas pesquisas de opinião.

Como constituinte, Passarinho conseguia a façanha de chegar a consensos políticos com o deputado José Genuino (PT-SP), que, estudante, fazia a guerrilha do Araguaia enquanto o senador administrava o Ministério da Educação no governo do general Médici na primeira metade dos anos 70.

ULYSSES

A grande vítima da maldição é o deputado Ulysses Guimarães, que não transfere para os eleitores e nem ao PMDB o controle que detinha sobre a Assembleia Nacional Constituinte. "Ulysses crescia nas decisões da Constituinte", recorda o senador Jarbas Passarinho que o deputado, como presidente da Assembleia, preservava-se de desgastes nas discussões para assumir as grandes decisões.

"A maldição de Ulysses tem nome: Sarney", identifica o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro que o mal do candidato do PMDB está no atual Presidente, a cujo governo vinculou-se de maneira inapagável perante a sociedade. Por isso, Pinheiro entende porque Ulysses não pode levar às ruas a cam-

panha que pretendia em torno da nova Constituição:

"A Constituição, como instrumento de mobilização social, é uma coisa, a Constituinte é outra. Não é complicado mobilizar para a Constituinte, mas depois de pronta e acabada a Constituição a situação muda. Assim, doutor Ulysses é o exemplo de que ninguém fatura com a Constituinte".

"A Constituição não pode ser uma bandeira porque o povo a considera caduca", interveio o deputado Francisco Pinto (BA). Apenas o deputado Bernardo Cabral fez a defesa de sua criatura. "O que falta é demonstrarmos ao povo as grandes conquistas constitucionais em matéria de saúde, educação, previdência social, e direitos e garantias individuais", respondeu o antigo relator.

Agora, Cabral demonstra que o governo Sarney se atribui iniciativas que pertencem à Constituinte. "O Governo faz propaganda na televisão sobre o reajuste nas aposentadorias, que foi obra da Constituinte", observa. "Outra propaganda é sobre o meio ambiente, cuja preservação também surgiu na Constituinte de maneira inovadora", acrescenta.

COVAS

Outra estrela apagada na sucessão, o senador Mário Covas é o único candidato que fala da Constituinte, na qual despontou como uma das estrelas mais reluzentes ao manobrar os métodos de votação para favorecer a esquerda. "O PCB, com três homens, conseguia impor vetos num universo de 559 constituintes", recorda Passarinho.

Mas Covas, quando fala na Constituinte em seus discursos de candidato, refere-se sempre a um único tema: o do meio ambiente. "O Mário sempre mostra a importância do meio ambiente na nova Constituição", confirma o ex-governador paulista Franco Montoro, um dos peemedebistas que emigraram com Covas para o PSDB.

Outro tema pelo qual Mário Covas notabilizou-se na nova Constituição não frequenta seus discursos de candidato: as conquistas trabalhistas. As conquistas

não foram o suficiente para abrir um canal amplo para Covas junto à esquerda, mas se tornaram o necessário para que, como candidato a Presidente, enfrentasse a desconfiança de empresários. "Covas lutou, lutou e ficou no mesmo lugar", avalia Passarinho.

Apesar de tudo eles formaram a constelação de grandes astros na Constituinte, à qual, em alguns momentos, às vezes se juntava a deputada Sandra Cavalcanti (PFL) ou o senador Afonso Arinos (PSDB), ambos do Rio e também localizados agora no lado escuro da lua. Arinos até se esquece da promessa de renunciar ao mandato de senador depois da Constituinte. E o suplente Hideckel de Freitas esquece-se de lembrar a promessa ao titular.

MINISTERIOS

Por que as estrelas que brilharam na Constituinte apagaram-se na sucessão presidencial?

"É inexplicável", diz **Franco Montoro**, que não entende o processo. "Só pode ser porque a nova Constituição ainda não foi assimilada. Mas o debate político entre os candidatos ainda não começou e nele a Constituição pode ser compreendida".

"A natureza tem mistérios insondáveis", filosofa **Bernardo Cabral** à procura de uma explicação. "A política também tem mistérios insondáveis".

"Fomos prejudicados pela imagem desgastada do Congresso", **Jarbas Passarinho** lembra que a Constituinte não passou de uma seção do Congresso Nacional, dentro da qual funcionou sujeita aos mesmos desgastes. "Agora, quando apareceu um rosto novo bem apessoado, todos correm para ele", refere-se a Fernando Collor na ponta das pesquisas.

"É natural", compreende o cientista político **Paulo Sérgio Pinheiro**. "O tempo da política brasileira é antropofágico, é muito rápido", explica a sucessão de astros no céu político. "Que vai bem no Congresso não tem que necessariamente ir bem na sucessão presidencial", ensina.